

## CRISE E SUPERAÇÃO EM KURZ

Anselmo Alfredo  
Departamento de Geografia - USP

---

### RESUMO:

O texto busca compreender o sentido de crise que o autor (Kurz) avalia em seus diversos textos e, a partir desta, como pensar a possibilidade, ou mesmo, o processo de superação do "sistema produtor de mercadorias". Neste sentido, como seria possível uma sociedade cujo trabalho não significasse a realização de necessidades de ordens distantes, mas a reintrodução do prático-sensível como forma de negação do mercado.

### PALAVRAS-CHAVE:

Mercado, prático - sensível, trabalho, superação e crise

### ABSTRACT:

This paper tries the understanding of the crises meaning which the author (Kurz) evaluates in many papers of yours, and since the notion of crises, how to think the possibility, or even, the overturn process of the "goodies producer system". In this way how would be possible a society which work would not mean the realization of distant order needs, but the practical-sensitive re-introduction as a way to deny the market.

### KEY-WORDS:

Market, practical - sensitive, work, overturn and crises.

---

Este trabalho tem como objetivo discutir as noções de crise e superação para Robert Kurz analisadas em diversos textos com principal destaque O Colapso da Modernização - onde o autor analisa o atual estágio de crise por que passa o capitalismo. É a partir deste ponto de vista que expõe a possibilidade de realização de uma nova forma de satisfazer as necessidades humanas (não somente as básicas). Para que esta se realize é fundante de seu pensamento a crítica ao trabalho abstrato dentro do sistema produtor de mercadorias.

Desta forma torna-se importante recolocar sua crítica à utopia iluminista. O desenvolver das ciências, da tecnologia, do saber a partir do século das luzes está colocado como a possibilidade de dissolução das carências humanas. Contudo, isto se dá pelo desenvolvimento das forças produtivas, que através da absorção da força de trabalho humano e imensa produção de produtos tornar-se-ia possível. Esta utopia aparece, assim, segundo uma lógica métrica, a qual negaria e escamotearia as relações produtoras destas mesmas mercadorias. A utopia iluminista, então, aparece como verdadeira aliada

do modo de produção produtor de mercadorias. Na realidade trata-se do elemento ideológico que comporia o modo de produção capitalista, pois realiza-se como o imaginário de uma época.

Assim, tomam força em Kurz os argumentos baseados na razão sensível, negada por esta ideologia. Para compreender melhor este ponto é preciso discorrer sobre o antagonismo de necessidades que o próprio modo de produção capitalista pressupõe. Em seu artigo de 11.02.96 no jornal Folha de São Paulo cujo título é O torpor do Capitalismo o autor começa a discussão com uma crítica à idéia ingênua sobre a produtividade capitalista. Esta idéia pressupõe que quanto maior a produtividade mais facilmente conseguiríamos satisfazer as necessidades da sociedade como um todo. Aqui já há uma exposição do autor de que o objetivo da produção é produzir o lucro privado, isto em dois níveis: Da economia como um todo e das empresas em particular e não a satisfação de necessidades sociais. Poderíamos, então, assim resumir este antagonismo. Por um lado temos as necessidades que são de cada indivíduo ou da

sociedade como um todo, por outro, dentro da lógica capitalista, as necessidades do capital, de sua autovalorização.

É a partir deste antagonismo que podemos pensar não só o trabalho abstrato como uma das estruturas fundamentais deste modo de produção, que deve ser entendido no seu sentido amplo, um modo de produzir não somente produtos, mas a nossa existência, já que nos sujeitamos à lógica produtivista; mas pensar também os princípios de sua própria crise. A perspectiva histórica do autor (aqui em relação ao desenvolvimento das forças produtivas) é que por princípio este desenvolvimento tem sempre o sentido de reorganizar a divisão social do trabalho cujo objetivo é a produtividade. Isto é fundamental para que se realizem as necessidades do capital. A valorização do capital se dá assim com uma produtividade que tem por objetivo o mercado. Produzir uma imensidão de produtos que serão colocados na esfera da circulação e consumo de modo a realizar a mais-valia na sua forma mais abstrata, o dinheiro. Neste sentido o trabalho vivo tem por objetivo fundamental realizar-se como trabalho morto. Toda produção capitalista tem assim como fim o seu valor de troca.

As formas de produção, baseadas na produtividade, que têm como objetivo a realização do lucro, exigem assim uma dispensa da força de trabalho. Isto teria como consequência as crises cíclicas do capitalismo, que o autor não nega. Num momento de alta produtividade a própria produção torna-se ineficaz na medida em que o consumo aparece dificultado pela dispensa de mão-de-obra. O fordismo, embora tenha como princípio a economia de energia do trabalhador, conseguiu desenvolver sua produtividade e ao mesmo tempo valorizar o capital porque, segundo o autor, teve a capacidade de conquistar novos mercados. Por este aspecto, embora o crescimento absoluto do mercado de trabalho na forma fordista de produção seja uma realidade, relativamente este mesmo mercado tem diminuído. Em relação ao aumento da quantidade de produtos menos trabalhadores são necessários para produzir cada vez mais. *A diminuição dos custos, portanto, não significa que os trabalhadores trabalham menos mantendo a mesma produção, mas que menos trabalhadores produzem mais produtos. O aumento da produtividade reparte seus frutos de forma extremamente desigual: enquanto trabalhadores 'supérfluos' são demitidos, crescem os lucros dos empresários.* (FSP 11.02.96)

A crise estrutural aparece para o autor a partir do desenvolvimento das forças produtivas baseado na microeletrônica (robotização de indústrias, por exemplo) que pela primeira vez não pressupõe o uso da força de trabalho humana. Isto se dá não apenas em um dos ramos da produção, *mas se espalha por todas as indústrias, por todo o planeta* (Idem, ibidem). A lógica produtivista encontra o seu próprio beco-sem-saída na medida em que não se pode mais pensar a crise atual como uma crise cíclica, mas que tem um novo elemento qualitativo cuja análise, feita a partir dos ciclos de Kondratief, não previu.

A crise para Kurz aparece assim sob alguns pontos principais:

- tendencialmente, o capitalismo tornou-se incapaz, pelo desenvolvimento das forças produtivas de explorar a mão-de-obra;
- paralisação de recursos nas empresas já que a rentabilidade destas só pode ser estabelecida no nível até então alcançado de produtividade;
- desaparece a capacidade aquisitiva e os correspondentes mercados que dela resultam, tirando assim dos homens as condições capitalistas da satisfação de suas necessidades;
- o desenvolvimento da força produtiva ciência que torna incapaz as formas básicas de reprodução capitalistas.

A perversidade deste modo de produção pressupõe não apenas um desenvolvimento qualitativamente desigual que se imprime no social, mas também uma apropriação desigual da natureza que ganha a forma de recursos naturais. Produzir cada vez mais para reproduzir o capital é também produzir a raridade da natureza rios que se transformam em esgotos a céu aberto, ar poluído, etc. Por que isto torna-se importante de se colocar neste trabalho. Pelo fato de isto ser a própria negação da realização de uma sociedade baseada em suas necessidades prático-sensíveis. Superar este modo de produção, para Kurz implica portanto, na negação da lógica do mercado e ter como fundamento a eliminação do dinheiro como mediador das relações sociais, ou seja, implica na desmonetização da sociedade.

Em a Terceira Força. Fim e início da neutralidade (mimeo) Kurz apresenta suas críticas às tentativas de novas vias de desenvolvimento social ocorridas no período de instalação do Socialismo Real. Para ele a crise de 1989 é encarada como *uma autêntica ruptura de época*. O fim deste socialismo

provoca uma crise que se estende para além dos parâmetros econômicos, é também uma crise do pensamento crítico em relação ao modo de produção capitalista porque tomam força argumentos que colocam a lógica do mercado como única forma de reprodução social. Assim, aqueles que criticavam o mercado se vêem sem força para pensar uma via que não seja a do próprio mercado. O papel crítico dos intelectuais que é negar a exploração social segundo a ordem econômica ganha lugar secundário na medida em que estes críticos revelam-se como reformadores. Isto é prejudicial para o pensar de um devir, uma terceira força, porque o sonho característico da modernidade que é a autodeterminação do homem, de uma produção autônoma da vida perde força, e a única saída é o eterno presente.

Neste sentido o argumento de Kurz caminha na direção de diminuir radicalmente a linha divisória entre Capitalismo e Socialismo Real. Para ele tanto uma como outra forma de produção baseia-se na produção avançada de mercadorias que tem como fim a realização da lógica do mercado. O colapso das economias do leste encontra, portanto, sua crise na forma como o Estado soviético busca negar o mercado (controle de preços e produção) quando a lógica produtivista abstrata de mercadorias está em pleno vapor. Neste sentido, tanto em um como em outro "sistema" o trabalho abstrato é o elemento fundante da reprodução social. Em sua resenha sobre o Colapso da Modernização Bresser Pereira coloca esta visão de Kurz como um erro de análise, já que não podemos pensar em mercado onde os preços são controlados pelo estado e os salários não tem seus valores baseados na lógica de oferta e demanda. Neste sentido categorias como mercadoria, preço, lucro salário, etc. que são típicas do capitalismo não podem ser encontradas no Socialismo Real. Bresser Pereira compreende, portanto, que o Socialismo Real é um outro modo de produção e não apenas a expressão estatista do capitalismo. Contudo, a análise de Kurz está posta justamente no fato de existir uma lógica de mercado que se realiza na esfera da produção, mas que é negada pelos aparatos estatais nas esferas da circulação e consumo. O Socialismo Real aparece assim, em Kurz, como um capitalismo mal formado, que produz sob a lógica da mercadoria e do mercado mas que a nega num momento posterior. Daí a sua derrocada ser antecipada com relação ao oeste, a acumulação do capital para a reprodução das

mercadorias ficou prejudicada. Neste sentido, pensar uma terceira via é pensar uma reprodução social que esteja baseada em argumentos Para além do Estado e do Mercado (FSP 03.12.95), já que esta forma de reprodução social não está assentada nas necessidades prático-sensíveis.

Cabe por último assentar a discussão do trabalho abstrato no seu sentido ontológico e buscar seu significado na sujeição do social ao econômico. O que significa, social e economicamente produzir uma sociedade baseada no trabalho abstrato? No seu movimento ontológico o trabalho como atividade tem seu fim, embora seu meio seja necessariamente a transformação do meio natural, o próprio homem. Assim a atividade humana tem por princípio a realização do próprio homem como ser autônomo e independente, emancipado. Isto porque o que a define são as necessidades historicamente construídas pela sociedade. Realizar o trabalho (não alienado) é assim a realização do próprio homem porque ele se vê naquilo que ele faz, nas suas atividades. A lógica do mercado inverte este movimento. Trabalhar não mais significa satisfazer nossas necessidades, mas obter salários. Assim, podemos nos submeter horas e horas executando tarefas que nos oprimam porque no final de cada mês podemos comprar a nossa satisfação em alguma praça de troca e finalmente realizar o lucro do capital. O social encontra-se assim sujeitado pelo econômico pela negação de nossas diferenças, ou seja, pela construção de um mundo de homogeneidades. Estas se dão sob duplo aspecto: somos homogeneizados enquanto trabalhadores homem-mercadoria - e no momento do consumo, já que nossas necessidades já estão previstas por aquilo que a mercadoria promete satisfazer. A Terceira Força aparece assim como a possibilidade de se produzir pela negação desta sujeição e pela realização das necessidades sensíveis como a existência de uma sociedade mais criativa que compreenda e respeite sua diversidade, sua não-homogeneidade.

Esta busca encontra em Kurz soluções já existentes no atual estágio do capitalismo. Trata-se da realização de comunidades autônomas que visem conter, num primeiro momento, a miséria social e a barrar a destruição da natureza. Esta forma de reprodução social já é possível naquelas atividades que para o mercado já deixaram de ser lucrativas. *Suas atividades abrangem desde a criação de cozinhas públicas, o cultivo de hortas e a coleta de lixo até serviços de creche, reforma de moradias e*

*organização de escolas particulares.* (FSP 03.12.95) essas atividades são realizadas sem a monetarização das relações sociais que as compõem. Contudo, cabe aqui uma questão a ser discutida: como poderíamos imaginar uma forma de reprodução social desmonetarizada que não estivesse localizada apenas em alguns setores? Ou seja, como seria possível realizar esta atividade baseada nas necessidades prático-sensíveis a nível global, sem a monetarização das relações sociais?

Este trabalho não tem por objetivo responder esta e outras questões, mas apenas demonstrar o quanto torna-se instigante a leitura de autores que pensam esta sociedade de modo radical. Radical aqui no seu sentido etimológico, ou seja, pensam-na a partir de sua raiz. Daí a

indispensabilidade de se compreender as relações sociais que produzem não apenas objetos, mas uma existência desigual. É a partir disto que podemos então compreender sem preconceitos, a aversão do autor pelos reformistas, neo-liberais e outros, já que para estes o princípio de toda idéia é não negar o existente, ou pior, mascarar aquilo que produz a miséria, as desigualdades. Buscam, cada vez mais, reorganizar o mundo do trabalho abstrato, deixando de considerar que este é a própria forma produtora da miséria. Assim, não negar esta forma é, ao mesmo tempo, reafirmar o mundo de relações de exploração e alienação em que vivemos, é negar a ruptura e reafirmar a continuidade, nega-se um possível realmente, ou melhor, radicalmente diferente.

### Bibliografia

- KURZ, Robert. *O Colapso da Modernização. Da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial* Paz e Terra RJ Rio de Janeiro, 1993.
- \_\_\_\_\_. *A terceira Força. Fim e início da neutralidade - mimeo.*
- \_\_\_\_\_. *Guerra Civil Mundial em vez de Paz Eterna - In: FSP 3/12/1992 Caderno Mais.*
- \_\_\_\_\_. *A Estupidez dos Vencedores In: FSP 6\08\1995 Caderno Mais"*
- \_\_\_\_\_. *Perdedores Globais - In: FSP 1/10/95 - Caderno Mais.*
- \_\_\_\_\_. *Guerra Civil Mundial em vez de Paz Eterna - In: FSP 3/12/1992 - In: Caderno Mais.*
- \_\_\_\_\_. *O torpor do Capitalismo, In F.S.P., 11/02/1996 Caderno Mais.*
- \_\_\_\_\_. *O Curto Verão de uma teoria do século XX In F.S.P. 21/04/1996 Caderno Mais.*
- \_\_\_\_\_. *A síndrome do Obscurantismo In: FSP - 5/11/1995 Caderno Mais.*
- \_\_\_\_\_. *Para Além do Estado e do Mercado - In: FSP - 3/12/1995*
- \_\_\_\_\_. *Luz Verde ao Kaos da Crise, In "Cadernos do Labor" Série Autores Alemães, Ano I, N.1 Abril de 1996 Laboratório de Geografia Urbana FFLCH-USP*
- \_\_\_\_\_. *Porque a União Européia pode se tornar uma ruína nova em folha. In: F.S.P. 17/03/1996 Caderno Mais.*
- \_\_\_\_\_. *Los Intelectuales después de la lucha de clases In: Mania, 05/96*
- \_\_\_\_\_. *A falta de autonomia do estado e os limites da política: quatro teses sobre a crise da regulação política IN: Colóquio Capital e Estado na América Latina. Rev. Indicadores Econômicos FEE - Porto Alegre, RS 05/1995*